

TEMPO, VIDA, POESIA: MATÉRIA E MEMÓRIA NA PROSA

DRUMMONDIANA

Thadeu Togneri Moreira (UERJ)

Orientadora: Carmem Lúcia Negreiros de Figueiredo (UERJ)

RESUMO: O presente trabalho aborda "Tempo, Vida, Poesia", obra ainda pouco estudada de Carlos Drummond de Andrade, publicada em 1986, produto final de uma série de oito entrevistas radiofônicas concedidas à amiga e jornalista Lya Cavalcanti, veiculadas, todos os domingos, pela PRA-2, Rádio Ministério da Educação e Cultura, na década de 1950. Objetivava-se no contexto de "Tempo, Vida, Poesia", apreciar o trabalho literário da narrativa enquanto 'media' fundamental da recordação que se projeta sobre a memória dos vestígios autobiográficos do autor. Neste sentido, a "performance" singular do prosador em foco permite identificar o percurso de "uma vida literária", principalmente na empatia que estabelece com o receptor e a matéria da recordação e memória constituídas em imagens, que figuram sua própria complexidade subjetiva enquanto "personagem". A riqueza poética do artifício de escrita encena a oralidade da experiência singular do narrador, possibilitando uma compreensão ampliada do fazer literário em foco, principalmente no que se refere à auto-ironia e ao humor em relação à matéria da recordação e memória de sua própria vida, reatualizando leituras e críticas ao corpo canônico de seus escritos. Esta característica da obra permite analisar os traços do perfil autobiográfico do narrador que se integram harmonicamente à memória autobiográfica dos intelectuais no período do Estado Novo e à memória sócio-cultural do país, na medida em que a memória intelectual do autor, como crítico de seu tempo, contribui para ampliar a percepção de organização da cultura nacional entre 1920 e 1950.

Palavras-chave: Matéria. Memória. Prosa poética drummondiana.

O debate acerca da cultura brasileira constitui uma tradição entre os escritores nacionais, manifestando um traço constante, que permite delinear o roteiro de um "itinerário intelectual coletivo", principalmente no que se refere a um processo contínuo de representação da identidade cultural nacional (ORTIZ,1994,p.13). Neste contexto, destaca-se o papel particular do escritor brasileiro como elemento fundamental na relação entre "grupos criadores e grupos receptores de produção cultural" nas sociedades modernas, principalmente no que se refere à disseminação da civilização europeia, à crítica dos ideais iluministas e à compreensão acerca da expansão do capitalismo nas sociedades periféricas pós-coloniais (CÂNDIDO,1980,p.83-84). A

profissionalização do escritores em foco, enquanto instituição representativa de uma coletividade nacional, manifesta uma profunda reflexão acerca da dialética que permeia as "relações entre localismo e cosmopolitismo" na constituição social brasileira (SANTIAGO,1978,p.18). Coube ao escritor não somente a descrição poética da realidade local, mas constituir a complexidade prosaica de uma voz que busca inscrever-se na história da civilização ocidental. A literatura brasileira é pródiga em narrativas literárias, algumas autobiográficas, que evidenciam o debate de escritores enquanto agentes representativos da cultura local, marcadamente pelo exercício de suas atividades jornalísticas e literárias efetivadas na composição da história nacional. Tais narrativas manifestam certa frequência coletiva de simultaneidades na reflexão acerca da "realidade brasileira" pela consciência de alguns representantes, evidenciando uma "tradição discursiva" que se perpetua desde a imprensa periódica no romantismo (VELLOSO,1987,p.3).

No discurso proferido durante a fundação da Academia Brasileira de Letras em 1897, Machado de Assis problematiza com maestria alguns dilemas na atuação do escritor, assinalando principalmente a relevância histórica da instituição acadêmica, caracterizada então através de uma emblemática metáfora do trabalho intelectual: "Machado de Assis se refere à Academia como uma 'torre de marfim', onde os intelectuais se refugiarão no mundo das idéias, tendo como único objetivo a preocupação literária" (VELLOSO,1987,p.8). O autor evidencia um papel contemplativo do intelectual em relação ao mundo, cabendo-lhe apenas a reflexão acerca da realidade nacional sem envolvimento direto com as "lutas sociais". Tal perspectiva também permite delinear, na concepção de Machado, a ideia de que "é preciso se retirar, se distanciar para melhor refletir sobre a realidade: ver 'claro e quieto'", asseverando certo risco enfrentado pelos escritores brasileiros no início do século, especialmente no que se refere aos grupos de autores que demonstravam uma perspectiva acentuadamente crítica em relação à sociedade através da "literatura social" (VELLOSO,1987,p.9). Acerca desses aspectos tradicionais particulares do escritor brasileiro, perspectiva-se no contexto do Estado Novo um complexo redimensionamento no trabalho dos intelectuais, cujas consequências permitem ampliar a compreensão do perfil de atuação dos indivíduos em foco. Sobre esse fator, Mônica Pimenta Velloso complementa:

No Estado Novo o intelectual responde à chamada do regime que o incumbe de uma missão: a de ser o representante da consciência nacional. Reedita-se, portanto, uma idéia já enraizada historicamente no campo intelectual. O que varia é a delimitação do espaço de atuação deste grupo da torre de marfim para a arena política - , permanecendo o seu papel de vanguarda social. O trabalho do intelectual agora engajado nos domínios do Estado deve traduzir as mudanças ocorridas no plano político. (VELLOSO,1987,p.11)

O ingresso de Getúlio Vargas na Academia Brasileira de Letras em 1943 assinala uma reconfiguração particular neste debate acerca da atuação tradicional dos escritores, principalmente ao criticar a metáfora machadiana da "torre de marfim" em contraposição à profissionalização do trabalho de escrita requerida pela "ideologia de Estado" emergente nos anos 30, delimitando a participação dos intelectuais no âmbito de um "projeto político-pedagógico" dedicado à popularização e difusão ideológica do regime: enfocar o vínculo dos intelectuais com este projeto evidencia as relações entre propaganda política e educação no Estado Novo (1937-1945).

Destacam-se neste contexto uma cooptação problemática dos intelectuais no referido projeto de governo, visando a articulação entre uma política nacional de educação e cultura eruditas e o controle das comunicações pelo "Departamento de Imprensa e Propaganda (D.I.P)", bem como a consolidação de políticas públicas para educação e saúde centralizadas, amparando a construção ideológica de um Estado nacional autoritário; aspectos que modificam significativamente as relações de localismo e clientelismo características no cenário da Primeira República (1889-1930). Assim, os relatos de Carlos Drummond de Andrade em "Tempo Vida Poesia", além de retomarem o complexo dilema da torre de marfim, trazem uma reflexão substancial acerca dos intelectuais e de sua atuação em políticas culturais no Estado Novo, tratando principalmente das contribuições do escritor neste projeto de governo enquanto chefe de gabinete no "Ministério da Educação e Saúde", administrado por Gustavo Capanema (1934-1945).

Além disso, a narrativa em foco traz cenas privilegiadas na história da literatura brasileira: a mocidade do Café Estrela em Belo Horizonte, o encontro com os modernistas paulistanos, as correspondências estabelecidas entre seus contemporâneos como heranças na sua geração de modernistas. Sendo assim, este trabalho busca verificar em que medida "Tempo, Vida, Poesia" contribui na reconstituição e

atualização da memória do movimento modernista mineiro e, conseqüentemente, do modernismo em escala nacional. Em "Tempo, vida, poesia" Drummond fala contra o senso comum do corpo canônico de seus próprios escritos, que isolam sua relevância subjetiva enquanto poeta, desconsiderando também o "narrador", que ora assevera uma consideração indispensável de seu trabalho prosaico enquanto mecanismo para evocação de uma memória coletiva: "Falando da vida ou 'mostrando-se viver', o entrevistado, no jogo dialético com seu entrevistador, contribuirá sempre, mesmo sem se propor, para o 'acervo' comum" (ARFUCH,2010, p.159).

O livro também aborda as críticas negativas que Drummond recebeu por seu poema de projeção nacional publicado na "Revista de Antropofagia" em 1928 e por "Alguma Poesia (1930)"; o narrador chega a confabular as piadas feitas pelos professores de língua portuguesa brasileiros no contexto acerca deste seu poema e das obras produzidas também por outros poetas do movimento de 1922. A obra traz ainda curiosos desdobramentos deste contexto, como "O Soneto que explicava a pedra", produzido por João Alphonsus e publicado da "Folha da Manhã-SP (1942)"; o narrador confessa que esta publicação o fez pensar "candidamente" ter solucionado o "problema de incompreensão pública", mas novos desdobramentos imprevisíveis de recepção, agora sobre os dois poemas, continuaram se reproduzindo pela vida de Drummond. Acerca da amplitude desta problemática na compreensão perfilar de sua vida e obra, o narrador destaca:

Professores de português, ainda sem curso de letras, geralmente bacharéis de formação literária convencional, espalhavam pelo Brasil inteiro, nos ginásios, que o modernismo era uma piada ou uma loucura, e como prova liam o poeminha da pedra. Sucesso absoluto de galhofa. Imagem gravada na mente de milhares de garotos, que daí por diante assimilariam o conceito de modernismo-pedra-burriceloucura. Em 1934, vim para o Rio servir no gabinete de Gustavo Capanema, Ministro da Educação. O autor da pedra em posição-chave no Ministério que cuida do ensino! O solecismo 'tinha uma pedra', em lugar de 'havia uma pedra', erigido em norma oficial de linguagem... Capanema sempre foi o mais indulgente dos homens. Não se podia atacar o Estado Novo, porque a censura do DIP vigiava e rosnava. Mas atacar o Capanema, podia; ele dava liberdade, e além do mais não tinha cobertura política em Minas, onde Benedito de Valadares lhe fazia pirraças enciumadas. Então, pau no Capanema. Entre outras coisas, a pedra servia para mostrar que só podia ser maluco um Ministro que tinha secretário maluco. Mais de uma vez me disseram: 'Engraçado, eu pensava que o senhor fosse débil mental, mas agora, vendo que providencia o andamento dos processos e faz as coisas

normalmente, vejo que me enganei. Desculpe: foi por causa da pedra no caminho...' (ANDRADE, 1986,p.51)

Os referidos desdobramentos deste cenário na voz do narrador permitem explicar traços significativos de tensão e complexidade na integração dos mais variados grupos de intelectuais ao regime, bem como a própria organização social gerada a partir dele. A composição do "Ministério da Educação e Saúde", bem como as articulações significativas entre alguns literatos modernistas e seu interesse pela gestão direta das políticas públicas brasileiras, esclarecem a culminância e articulação de um projeto modernizante de longo prazo que sedimenta pilares arquitetônicos, ideológicos e estéticos de cidadania na Era Vargas, evidenciando investimentos significativos do governo na legitimação pública do regime ditatorial através da propaganda política. Por conseguinte, inspirados pelas utopias que despontam no cenário político internacional dos primeiros decênios do século XX, pode-se delinear na atuação do intelectuais brasileiros do contexto um certo senso de missão, traduzido pelo "sentimento de não-identificação com a sociedade tal como esta se apresenta, o que pode traduzir-se por uma rejeição do *status quo* e constituir a fonte do desejo de transformar tal sociedade", característica que muito lhe aproxima da problemática implicada no estudo da "intelligentsia" Russa e Polonesa do século XIX (MARTINS,1986,p.3). Entretanto, o custo da ampla rede de modernização estatal promovida pela Era Vargas revela que a "forma de alienação" intuída pelos intelectuais brasileiros já no início do século XX pôde situar-se predominantemente nos domínios da subjetividade e da criação literária, pois há uma evidente "decalagem pressentida ou vivida entre, de um lado, a sociedade desejada a partir de uma certa visão de mundo e, de outro, a sociedade tal como se apresenta, a sociedade 'real'" (MARTINS,1986,p.4). Embora o período do Estado Novo represente uma profunda transformação nas concepções de cultura no Brasil, consolidando uma consciência democrática sobre a progressiva universalização da educação pública e da cultura erudita, a mobilidade social na estrutura burocrática em desenvolvimento ainda está condicionada ao acaso: as ideias da razão instrumental - cujo eixo sustenta-se na justificação da disciplina, da eficiência e da organização - miscigenam-se às leis das relações pessoais e da subserviência, evidenciando as relações de patronato e de favor que conduzem aos benefícios do emprego público.

Nesse sentido, em meio às complexidades reiteradas na indisociabilidade entre estética, ideologia e política no referido contexto, prevalecem as lembranças da

“mocidade remota” em Belo Horizonte, reunindo-se no “Café Estrela” para discutir as possibilidades e os rumos de uma ainda futura vida literária com os amigos Abgar Renault, Milton Campos, Pedro Nava, João Alphonsus, Gustavo Capanema e Emílio Moura, tempo em que Drummond assevera: “Escrever era bom, sobretudo para mostrar aos companheiros de café, quando cada um de nós sacava do bolso os seus produtos literários do dia e expunha-os à crítica informal dos outros” (ANDRADE, 1986,p.49). O encontro com a caravana dos modernistas de São Paulo na capital mineira, em 1924, com a presença do poeta francês Blaise Cendrars, Tarsila do Amaral, Oswald e Mario de Andrade.

Um percurso de reminiscências sabiamente redirecionadas em alguns momentos pelo roteiro de perguntas da jornalista, entrevistadora e amiga Lya Cavalcanti, solicitando-lhe maiores detalhes acerca de certa liderança exercida por Drummond em meio à juventude de literatos modernistas mineiros, posição que foi atestada por Emílio Moura nos depoimentos cedidos ao jornal "Diário de Minas" em 19/10/1952, mas que o narrador contesta veementemente discordando de sua relevância individual na crítica do amigo, afirmando: "- Emílio atribuiu-me uma posição que eu não tive. Os amigos, de tão perto que estão de nós, podem atribuir-nos dimensão maior do que a real. Os que se colocam a certa distância avaliam melhor" (ANDRADE, 1986,p.95). Partilhando desta perspectiva, compreende-se a narrativa em foco como uma representação particular do tempo, corporificada na mutualidade comunicativa que estabelece entre o ser e o universo que o cerca, a vida do sujeito em meio a um conjunto complexo e plural de indivíduos, alguns anos de pequenas histórias que se reconfiguram em momentos decisivos da vida literária nacional. Matéria e memória sobrepostas ou descontínuas, na medida em que “a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo”(BERGSON,1999,p.29). Acerca deste aspecto característico da produção narrativa autobiográfica dos intelectuais modernistas no contexto histórico em questão, Mario de Andrade nos fornece uma reflexão que permite mapear certa frequência do debate sobre a literatura nacional no âmbito das memórias coletivas em foco:

"Já é tempo de observar não o que um Augusto Meyer, um Tasso da Silveira e um Carlos Drummond de Andrade têm de diferente, mas o que tem de igual. E o que nos igualava, por cima de nossos dispaupérios individualistas, era justamente a organicidade de um espírito atualizado, que pesquisava já irrestritamente radicado à sua entidade coletiva nacional" (ANDRADE,1972,p.243).

No que se refere aos redimensionamentos críticos desta reflexão, "*Tempo, vida, poesia*" é uma narrativa da história em movimento de passagem, captado no contraste das imagens que o narrador armazena e transfigura para a constituição de si também na poesia, como na lição de vida do movimento antropofágico, consume a cultura universal e local para constituir a memória de uma literatura efetivamente nacional. O texto em foco ainda é riquíssimo em detalhes sobre a Revolução de Barbacena em 1930 e a presença de Drummond no local enquanto auxiliar de gabinete do Secretário de Interior Cristiano Machado, que pouco tempo depois seria substituído por Capanema. Traz um panorama sobre a ampla rede comunicativa que se desenvolveu entre Drummond, trabalhando com redator nos jornais "Minas Gerais", "Estado de Minas" e "Diário da Tarde" simultaneamente, e os modernistas de São Paulo através da "Revista de Antropofagia", tempo em que o narrador revela ter se iniciado na "aventura do Verso Livre", cabendo destacar também que Drummond narra especificamente como iniciaram-se suas correspondências epistolares com Mário de Andrade pouco tempo depois do referido encontro com a caravana de paulistas que visita Belo Horizonte em 1924.

Em "*Tempo Vida Poesia*", a recordação e a memória enquanto uma constelação de imagens no território da escrita poética de si asseveram a relevância de compreender a experiência do escritor num conjunto ainda mais amplo de simultaneidades de relações intra e intertextuais; principalmente enquanto confluência de acontecimentos históricos que resultaram no seu trabalho em verso e prosa, e na comunhão de seus escritos enquanto memória de uma coletividade de contemporâneos com os quais compartilhou a vida literária. A Academia de Itabira e a pertença do narrador a ela, em detrimento da Academia Brasileira de Letras, mostram a preferência pelo lugar menor, pela humildade, pelo papel do aprendiz volante. As imagens de seus conterrâneos e contemporâneos através das metáforas temporais da memória que se transfiguram no território da escrita em companheiros da vida literária compartilhada; principalmente pelas imagens que marcaram sua constituição identitária desde o nascimento na condição de "aprendiz local" com os "mestres sedentários" de sua terra até seu percurso efetuado enquanto "aprendiz volante" dela na carreira de jornalista até o trabalho como escritor-funcionário, laborando ativamente no projeto político e cultural do Estado Novo.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. "Tempo, vida, poesia." 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.
- ANDRADE, Mário de. "O Movimento modernista". In: Aspectos da literatura brasileira. São Paulo, Martins; 1972. p. 243
- ARFUCH, Leonor. "O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea." Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- BENJAMIN, Walter. "O narrador." In: Textos escolhidos / Walter Benjamin, Max Horkheimer, Theodor W. Adorno, Jürgen Habermas. São Paulo: Abril cultural (Os pensadores), 1983.
- _____ "Rua de mão única". São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BERGSON, Henri. "Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito." Martins Fontes: São Paulo, 1999.
- CANDIDO, Antônio. "Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária." 6a.ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.
- MARTINS, Luciano. "A gênese de uma intelligentsia: os intelectuais e a política no Brasil 1920 a 1940". In: Revista Brasileira de Ciências Sociais. n.º.4, vol.2, junho de 1987. pgs. 65 a 67.
- ORTIZ, Renato. "A moderna tradição brasileira." São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTIAGO, Silviano. "O entre-lugar no discurso latino-americano". In: Uma literatura nos trópicos. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- VELLOSO, Mônica Pimenta. "Os intelectuais e a política cultural no Estado Novo". Rio de Janeiro: CPDOC, 1987.